Da esquerda para direita, do branco ao negro, da Palestina a Israel

Maher Hassan Musleh [1]

RESUMO

As relações humanas são atravessadas por diferentes formas de violência, muitas vezes sutis, profundamente enraizadas no cotidiano. Essa relativa cultura de guerra, manifesta-se nas interações sociais mais comuns, como em discussões políticas, religiosas, ideológicas e até mesmo no trânsito, onde frequentemente prevalece a lógica da imposição do próprio ponto de vista. A ideia de que "eu estou certo" sobrepõe-se à possibilidade de escuta, diálogo e compreensão do outro. Assim, o simples fato de alguém apresentar uma opinião divergente passa a ser interpretado como uma ameaça, transformando o diferente em inimigo. Nessa perspectiva, a polarização enrijece os papéis sociais em uma estrutura binária que anula a riqueza da contradição humana. Esse modo de funcionamento social é amplamente reforçado por discursos culturalmente aceitos, que legitimam a intolerância e o revide. Expressões como "não levar desaforo para casa" ou "revidar na mesma moeda" sustentam comportamentos agressivos e justificam atitudes violentas como formas legítimas de defesa. Dessa maneira, pensar diferente deixa de ser reconhecido como um direito e uma expressão da diversidade humana, passando a ser compreendido como um ataque pessoal. Esse cenário contribui para o enfraquecimento das relações sociais, aumento desmedido de conflitos, e para a naturalização da violência como resposta padrão às divergências. Diante desse contexto, propõe-se a utilização do psicodrama como um importante instrumento de intervenção, reflexão e transformação, com foco na não violência e na promoção da Cultura de Paz. Na vivência, vamos realizar uma sessão psicodramática – a partir de suas etapas clássicas (aquecimento – dramatização – compartilhar), enquanto método de ação, possibilitando que os participantes expressem emoções, conflitos e vivências de forma concreta e simbólica, favorecendo a tomada de consciência sobre seus próprios comportamentos. Fundamentado na teoria moreniana, o método permite o manejo da tensão entre a espontaneidade e a conserva cultural, reconhecendo que o conflito não deve ser negado, mas superado pela via criativa. Ao dramatizar situações reais do cotidiano socialmente contextualizado, teremos a oportunidade de reconhecer atitudes violentas que muitas vezes são reproduzidas de maneira automática e não consciente. O psicodrama favorece o se colocar no lugar do outro, buscando diferentes perspectivas e

[1] Psicólogo. Mestre em Psicologia Social. Psicodramatista (SOPSP - PUC). Australian Counselling Association. E-mail: maher11musleh@gmail.com.

sentimentos envolvidos nos conflitos. A possibilidade de superação pela ação dramática rompe com a visão binária entre o "eu" e o "outro", integrando a dinâmica entre protagonismo e antagonismo como forças complementares do encontro verdadeiro. Essa vivência contribui para a ampliação do olhar sobre si mesmo e sobre o outro, estimulando formas mais saudáveis de comunicação, resolução de conflitos e convivência social, alinhando-se aos princípios da Comunicação Não Violenta de Marshall Rosenberg. O método torna-se caminho potente para questionar padrões culturais violentos e construir alternativas. O sentido é contribuir para que protagonistas e grupo possam elaborar seus dramas e conflitos de maneira consciente, reflexiva e não violenta. Experiência, onde seja possível estimular transformações individuais e coletivas, colaborando para a construção de uma sociedade menos violenta e mais aberta à diversidade de pensamentos e sentimentos.

Palavras-chave: Psicodrama. Diálogo. Comunicação. Cultura da Paz. Violência.